

COOPERATIVISMO E ASSENTAMENTO RURAL NA PERCEPÇÃO DO USO COLETIVO E INDIVIDUAL DA TERRA MEDIANTE METODOLOGIA Q: O CASO DE CHARQUEADAS

Mauricio Santalucia¹

Pedro de Hegedus²

Resumo

O cooperativismo praticado nas CPA (Cooperativas de Produção Agropecuária) estimuladas pelo MST (Movimento dos Trabalhadores rurais Sem Terra), onde a posse da terra e a organização da produção estão sob controle da cooperativa, representa um modelo de assentamento pouco praticado, e com o passar dos anos as CPAs existentes enfrentaram conflitos como desagregações e divisões no quadro de associados, com uma parcela preferindo trabalhar individualmente. O objetivo desta pesquisa é analisar a subjetividade dos assentados no município de Charqueadas - RS, que estão divididos entre dois grupos: i) os que produzem coletivamente em uma CPA e ii) os atuais individuais que preferiram sair da mesma. A idéia foi saber o ponto de vista destes grupos sobre o modelo coletivo e individualizado de produção da terra. Para isso empregando a metodologia Q. Os resultados da análise fatorial mostram que 5 fatores emergiram: i) um fator totalmente favorável ao modo de trabalho individual, e ii) quatro fatores favoráveis ao modo de trabalho coletivo, mas com diferenças entre estes. Neste sentido, um fator totalmente favorável ao modo de trabalho coletivo e os outros três fatores coletivos, porém com críticas ao modelo.

Palavras-chaves: Metodologia Q, trabalho coletivo, trabalho individual.

¹ Zootecnista, Mestre em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

² Engenheiro Agrônomo, Doutor, Professor Visitante no Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural do Centro de Ciências Rurais da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, e Professor Adjunto na Universidad de la República Oriental del Uruguay.

RURAL COOPERATIVISM AND SETTLEMENTS IN THE PERCEPTION OF COLLECTIVE AND INDIVIDUAL USE OF LAND THROUGH Q METHODOLOGY: THE CASE OF CHARQUEADAS

Abstract

The cooperativism executed in the CPA (Land-production Cooperatives), stimulated by the MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – Movement of Landless Workers), where possession of land and production are under the control of the cooperative, represents a model which is scarcely employed and, throughout the years these CPAs presented internal conflicts among some of its members, that preferred to work individually. The goal of this research is to analyze the subjectivity of rural settlement members located in the county of Charqueadas (RS), divided in two groups: i) those that are working under the integral perspective, (CPA) and ii) those who choose to work individually. The idea was to know the general point of view of these groups in relation to the individual and collective use of land. For this, we used the Q methodology. The results of the factorial analysis show that 5 factors emerged: i) one factor completely in favor of the individual approach, and ii) four factors in favor of collective approaches, with differences among them. In this sense, one factor was completely pro collective, and three factors were pro collective but with criticism to the model.

Keywords: Q methodology, collective work, individual work

1. Introdução

Os assentamentos rurais no Brasil, em sua grande maioria, são constituídos por lotes individuais, com área estimada a partir da definição de módulo regional, ficando as famílias praticamente sozinhas para se desenvolverem em uma situação econômica desfavorável de escassos recursos e tendência de queda dos preços agrícolas.

Assim, vários assentamentos no país apresentam problemas estruturais (ausência de casas, energia elétrica, água, atendimento de

saúde, acesso), deficiência de assistência técnica, evasão rural conduzindo a venda irregular de lotes, dependência de créditos contínuos e problemas na comercialização. Sendo um dos grandes problemas da reforma agrária o desenvolvimento dos mesmos, transformando-os em unidades econômicas viáveis.

A prática da cooperação agrícola é uma ferramenta que poderia beneficiar e resolver alguns problemas, como baixo desenvolvimento e dependência que acompanham vários assentamentos. O modelo de cooperativismo praticado nas Cooperativas de Produção Agropecuária (CPAs), estimuladas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), assentamentos onde a posse da terra e a organização da produção estão sob controle da Cooperativa, fundada e gerida pelos seus sócios poderia se consistir em exemplo para assentamentos. Este modelo propiciou a aquisição de diversas instalações, compra de maquinários e implementos agrícolas, acumulando um considerável patrimônio para seus associados, que individualmente seria muito difícil alcançar. No entanto, este é um modelo pouco usual, segundo dados levantados junto a Superintendência Regional do Estado do Rio Grande do Sul (SR-11), subdivisão do INCRA, com sede em Porto Alegre, no ano de 2003, o Estado contava com 287 Projetos de Assentamentos, com cerca de 11.246 famílias, assentadas em uma área de 249.175 ha. Mas, conforme a Cooperativa Central de Assentamentos de Reforma Agrária – COCEARGS, ligada ao MST, o Estado Gaúcho apresenta atualmente somente cerca de 7 assentamentos onde houve uma opção das famílias assentadas de trabalhar a terra coletivamente em uma mesma área, com o estabelecimento de Cooperativas, as chamadas CPAs que estão localizadas nas cidades de Pontão, Piratini, Tapes, Eldorado do Sul, Nova Santa Rita, Santa Maria e Charqueadas. Porém, esta experiência de cooperativismo, também é marcada por situações de conflitos e desagregações no quadro associado, as CPAs existentes, com o passar dos anos enfrentaram variados conflitos e problemas, algumas não citadas aqui se extinguiram, outras se dividiram, resultando em uma desagregação no quadro de associados originais, uma parcela preferiu “começar do zero” explorando um lote individual, enquanto outra parte preferiu continuar coletivamente.

Neste contexto, a presente pesquisa analisa o ponto de vista dos assentados no município de Charqueadas (Assentamento 30 de Maio), que estão divididos entre os sócios da Cooperativa de Produção Agropecuária dos Assentados de Charqueadas Ltda (COPAC), estes coletivos, e os atuais individuais que preferiram sair do modelo anterior da mesma cooperativa, fazendo emergir a subjetividade dos mesmos, como: motivações e opiniões, trazendo assim suas percepções, sobre o modelo coletivo e o modelo individual de exploração da terra. Os resultados buscam contribuir para a melhoria e o aperfeiçoamento dos modelos através das perspectivas criadas pelos próprios assentados, com informações até então inexistentes na forma de avaliação em assentamentos rurais.

Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, se utiliza o método estudo de caso, com análises de dados realizadas mediante análises estatísticas do tipo fatorial pela metodologia Q.

2. O MST, Cooperação e CPA

Zimmermann (1989 apud SILVEIRA, 2003) cita que nos primeiros anos de formação do MST o trabalho coletivo era apenas uma proposta concretizada em algumas associações, formadas por um pequeno grupo de famílias e influenciadas pelo espírito de solidariedade ressaltado por mediadores religiosos. Estes viam o trabalho coletivo como alternativa mais viável para os assentados. A autora relata que a motivação para trabalhar em grupo estava presente entre assentados, desde o acampamento, quando era debatida a organização da produção e quando buscavam atender aos critérios de seleção instituídos pelo INCRA. E que no assentamento, um crédito especial recebido também induzia à formação de grupos.

Para ela a preocupação pela viabilidade econômica e social dos assentamentos era uma preocupação tanto para os representantes do MST quanto para os assentados, que ambos tinham conhecimentos da conjuntura político-econômico que dificultava o desenvolvimento produtivo nos assentamentos. Os problemas na liberação de créditos, a assistência técnica insuficiente e o baixo valor na comercialização dos produtos eram

condições desfavoráveis. E os representantes do MST cientes das dificuldades propuseram a organização em grupos coletivos como forma de acumular forças para a “transformação da sociedade” e como solução de problemas dos assentados.

Em 1991, foi constituída a Cooperativa Central dos Assentamentos do Rio Grande do Sul (COCEARGS), com sede na cidade de Porto Alegre, com finalidade de representar e organizar assentamentos do estado, buscar linhas de crédito, articular assistência técnica e política dos assentados, organizar a produção e a agroindustrialização e incentivar a cooperação.

A partir das centrais estaduais, neste sentido, para estimular e massificar a Cooperação Agrícola dentro dos Assentamentos, em suas várias formas, o MST criou a Confederação das Cooperativas da Reforma Agrária (CONCRAB) em 1992, articulando todas as cooperativas em nível nacional.

Para Silveira (2003) a direção do MST, ao propor modelos organizacionais, buscava também assegurar sua presença e influencia nestes espaços.

Segundo Souza (1999 apud SILVEIRA, 2003) a CONCRAB preconiza que seu cooperativismo deve, além de organizar, conscientizar sua base para contribuir na transformação da sociedade.

Para eles além do modelo de cooperativismo que o MST se propõe a construir ser diferente, também prega uma autonomia de organização e representação, não reconhecendo a Organização das Cooperativas do Brasil (OCB) como única representante de todas as cooperativas, sendo oposição a esta.

As Cooperativas de Produção Agropecuária (CPA), são regidas pela legislação cooperativista brasileira, a terra permanece sob controle do Coletivo, a não ser a pequena parcela destinada à produção de subsistência de cada associado. Em quase todas as CPA's, o título de propriedade ou concessão de uso da terra permanece em nome do indivíduo que a passa para o controle da cooperativa. Os trabalhadores são os donos, mas pode haver a titulação em nome da CPA. A produção é social, os donos trabalham e repartem as sobras entre si conforme o trabalho aportado de cada um (CONCRAB, 1998).

Conforme Silveira (2003) a organização de uma CPA buscava implementar a agroindustrialização da produção por meio de uma estrutura empresarial com base na exploração racional das atividades, estabelecimento de cargos e competências funcionais, sob um sistema administrativo de disciplina, controle e execução do trabalho. Com a divisão técnica do trabalho, através da setorização da produção, criava-se a necessidade de uma especialização para o desenvolvimento das atividades. A posse da terra era definida como coletiva, bem como o trabalho nos setores de produção, visando se alcançar uma escala produtiva que permitisse concorrer no mercado capitalista. Por consequência, traria uma melhoria das condições de vida aos assentados.

Segundo Lenz (2002) as CPAs são um sistema de cooperação integral, não só de produção cooperativada, além da vida produtiva as demais atividades associativas são realizadas coletivamente. A terra não é dividida em lotes, mas fica sob o domínio da cooperativa, ainda que o sócio possa receber o título de propriedade de um lote. Ocorrendo nesses casos, conforme normas do MST, o repasse dos lotes em comodato, e sem ônus para a cooperativa, ou seja, sem pagamento de renda pelo uso do lote. O sócio não recebe salário da cooperativa, pois ele é seu dono, investe nela seu capital (em forma de quotas-partes) e seu trabalho e divide com seus companheiros os frutos do trabalho coletivo. Cada associado é livre para entrar na cooperativa ou para sair dela, recebendo as suas quotas-partes e o lote de terra. São decididos em comum sobre a parcela de terra a ser mantida individual, no geral pequena para evitar que o sócio tire horas do coletivo para ocupar-se do seu lote individual.

Para o autor o controle do trabalho na produção coletiva, constitui um dos maiores problemas dos coletivos. Geralmente o critério básico na participação nos resultados é o trabalho realizado por cada associado na atividade coletiva.

Conforme Scariot (2003), nos dias atuais, a remuneração do trabalho nas CPAs obedece ao critério das horas-trabalhadas, ou sua capacidade de trabalho, para ele é um critério bastante controverso de difícil controle e, muitas vezes, geradores de conflitos e desagregação social.

3. Histórico, Assentados Individuais e COPAC atualmente.

3.1 Histórico da Cooperativa de Produção Agropecuária dos Assentados de Charqueadas LTDA (COPAC)

O Assentamento 30 de Maio, situado na cidade de Charqueadas (Região Centro Sul do Rio Grande do Sul, pertencendo à área metropolitana da Grande Porto Alegre, distando 50 quilômetros desta e 10 Km do município de Charqueadas), foi estabelecido, em uma área de terra inicial de 850 ha, entre Dezembro de 1990 e Janeiro de 1991, por várias famílias, oriundas das Regiões das Missões e Alto Uruguai do Rio Grande do Sul.

Em julho de 1991 foi fundada e registrada a Cooperativa de Produção Agropecuária dos Assentados de Charqueadas LTDA (COPAC), inicialmente com 65 associados, 45 famílias.

No primeiro ano de assentamento, são conseguidos créditos governamentais, como o PROCERA (Programa de Crédito Especial para a Reforma Agrária) e o FEAPER (Fundo Especial de Apoio aos Pequenos Estabelecimentos Rurais), recursos todos investidos na produção, plantio de culturas e compras de animais para suprir necessidades mínimas e iniciar uma comercialização nas feiras da cidade.

Nos anos subseqüentes, a reunião de créditos somada a produção do assentamento possibilita a consolidação da atual infra-estrutura da COPAC, organização de agrovila, investimentos em máquinas, tratores, implementos, instalações, estrutura, aquisição de vários animais, estufas e uma diversificação na produção agrícola, comercializando a maioria dos produtos em seu próprio supermercado, estabelecido a partir de 1998, também com recursos do PROCERA, sendo o mesmo, de tamanho médio e inaugurado em 1999.

No final do ano de 2005 é inaugurado dentro das instalações um abatedouro de suínos e bovinos com câmara fria.

3.2 Assentados Individuais que saíram da COPAC

A COPAC, já em 1993 começa a enfrentar desistências de alguns integrantes iniciais. Duas famílias se desligam da cooperativa levando seus direitos com lotes correspondentes e que passam a produzir individualmente.

Várias desistências ocorreram ao longo dos anos, por diversos motivos. Atualmente está em 18 o número de famílias, que ajudaram a fundar a COPAC, que optaram por sair da cooperativa e produzir individualmente, diminuindo assim a área inicial do assentamento coletivo. Estas 18 famílias englobam uma população de 46 pessoas, com uma área individual variando entre 13 e 18,5 ha de terra individual. Apesar da desistência da COPAC, estes assentados também fazem parte do Assentamento 30 de Maio.

A produção destes é diversificada, tendo como atividades principais à bovinocultura de leite com venda de leite “in natura”, produção de queijos, ovos, suínos, embutidos, venda de peixes, arroz, hortaliças, aipim, batata-doce, frutas, milho e feijão.

3.3 COPAC atualmente

Da população do Assentamento 30 de Maio, ligadas a COPAC, vivem 91 pessoas entre homens, mulheres e crianças, 55 destes como sócios da COPAC, sendo 27 famílias titulares da terra, que atualmente somam para a cooperativa uma área de cerca de 500 ha, que possui agrovila com 25 casas, a maioria de alvenaria, todas ligadas na rede elétrica, água encanada, comunicação entre as moradias por um sistema de telefonia interna, a agrovila conta com uma escola de Ensino Fundamental, uma creche mantida pela cooperativa para filhos dos assentados, de secretaria, um refeitório coletivo utilizado para almoço e jantar, e outros prédios de uso comum.

A COPAC estabelecida como uma empresa possui um estatuto próprio organizado pelos seus sócios. Neste é deliberado que a assembléia geral é a instância máxima de poder de decisão com definições sobre

mudanças de Estatuto, Regimento Interno, balanço financeiro, prestação de contas e avaliação em geral.

Os setores são considerados como a base de instâncias, por onde passam todas as propostas antes de serem postas em votação pela assembléia. Todos sócios da COPAC estão em algum dos setores. A cooperativa conta ainda com uma direção formada por três pessoas eleitas e por um conselho fiscal.

Atualmente são 5 setores considerados: hortigranjeiro, produção de grãos, produção animal, social e supermercado.

Todos os produtos oriundos do trabalho abastecem as famílias e são comercializados no supermercado da COPAC. O trabalho no supermercado é muito utilizado pelos mais jovens do assentamento que cumprem as horas de trabalho e após podem se dirigir às escolas na cidade onde estudam.

O setor hortigranjeiro, com várias estufas, possui produção orgânica de hortaliças, uma variedade de ervas medicinais e produção de frutas.

O setor de produção animal engloba atividades como a bovinocultura de leite, a suinocultura, apicultura, avicultura, piscicultura e as pastagens.

A bovinocultura de leite, no início de 2006, estava comercializando para a Usina de Beneficiamento Cooperativa Santa Clara Ltda, cerca de 33.000 mil litros/mês. O setor ainda conta com sala de ordenha em alvenaria, ordenhadeira canalizada tipo espinha de peixe e dois tanques resfriadores de leite.

A suinocultura, praticada em sistema ao ar livre, em piquetes, conta com um abatedouro e câmara fria recém construída, transformando partes das carcaças em embutidos comercializados no supermercado.

A criação de aves atende ao abate, com produção de ovos vendida ou utilizada na padaria do assentamento.

O setor de produção de grãos engloba a produção de arroz orgânico, milho, feijão e o setor de máquinas, implementos, silo secador, tratores, colheitadeira e galpão.

O setor social corresponde à secretaria do assentamento, ao setor de educação, a creche para crianças de até 6 anos, equipes de lazer e alimentação.

Quanto ao funcionamento do trabalho, diferentemente da maioria das propriedades familiares os assentados cumprem horas com a jornada interna estando convencionada o horário comercial como uma empresa comum, de segunda a sexta e sábado até o meio dia, havendo rodízio para alguns trabalharem finais de semana ou feriados em algumas atividades.

A participação dos sócios é medida por horas trabalhadas, anotadas pelo coordenador de cada setor e repassada este controle à secretaria para efeito de contabilização do mês.

Cada sócio tem direito a 30 dias de folga por ano, não remuneradas, com os próprios organizando idas em excursão a praia, geralmente em 2 grupos, cada uma com direito a 15 dias, logo após o carnaval.

4. Metodologia

4.1 Q e Seus Antecedentes Conceituais

A técnica para a coleta e análise dos dados se chama metodologia Q. Em Q a coleta de informações tem um caráter qualitativo; a análise da mesma é quantitativa. Implica análise fatorial mediante um programa de software especialmente desenvolvido (PCQ for windows, versão 2000).

Q está desenhado especialmente para estudar a subjetividade humana. A subjetividade pode ser entendida como o campo afetivo, composto pelos sentimentos, as motivações, as atitudes, as crenças, e as opiniões que as pessoas desenvolvem. Estes elementos se articulam para conformar um sistema através do qual as pessoas analisam o mundo e tomam suas decisões. (Bloom, *et. al.*, 1964).

Este campo do domínio afetivo é importante para o desenvolvimento das capacidades humanas, que as pessoas possam influenciar seu próprio futuro na direção que entendam mais favorável a

seus interesses e para que os resultados sejam duradouros (Oakley, P. e Clayton, A., 2000).

A única maneira de conhecer realmente essas visões, esse entorno psico-emocional (ou seja, a subjetividade o domínio afetivo) é a partir do ponto de vista das pessoas diretamente envolvidas nos processos. As visões se desenvolvem desde o ponto de vista das pessoas, respeitando suas próprias palavras, e nos mostram como as mesmas percebem o mundo desde “sua” realidade.

4.2 Metodologia na Pesquisa de Campo

Foram feitas duas visitas ao assentamento. A primeira para se colher depoimentos e afirmações por meio de entrevistas semi-estruturadas, obter dados sobre o assentamento a partir de fontes primárias, observação pessoal e fontes secundárias através de dados existentes. A segunda visita foi para a aplicação de tarjetas (fichas) com afirmações selecionadas, apresentadas para uma amostra de assentados na metodologia Q, para se fazer à classificação das mesmas em uma grade previamente estabelecida.

As diferentes etapas da técnica (metodologia Q) são: 1) desenvolver o universo de idéias e crenças mediante entrevistas semi-estruturadas a um conjunto de informantes qualificados (tamanho do conjunto: 10 pessoas), com perguntas relacionadas sobre problemática de assentamentos coletivos e individuais, 2) seleção das afirmações mais importantes obtidas da entrevista, elaboradas em formato de fichas, numeradas aleatoriamente, 3) aplicação das fichas (afirmações) a uma amostra de 40 pessoas do assentamento, para seleção de acordo com a importância das mesmas, e 4) análise das respostas mediante pacote estatístico de análise fatorial, utilizando-se um programa de informática.

Inicialmente foram selecionados 10 informantes, selecionados entre técnicos do INCRA (2), professor universitário que trabalha com a temática da agricultura familiar (1), dirigente do MST (1), assentados que praticam modelo coletivo de exploração (3) e assentados que optaram por se retirar deste modelo (3). Estes foram submetidos a entrevistas semi-estruturadas sobre a problemática ligada aos modelos de assentamentos,

durante os meses de maio a junho de 2005. Após, se procedeu à transcrição de todas estas entrevistas gravadas de onde foram retiradas afirmações, selecionadas em 41 afirmações mais importantes, para posteriormente serem apresentadas em forma de tarjetas ou fichas numeradas a uma amostra de 40 assentados no total, divididos entre 20 assentados que permanecem no assentamento coletivo, e outros 20 assentados que preferiram sair da cooperativa (exploração coletiva) e produzir individualmente. As 41 fichas selecionadas foram apresentadas aos assentados que a classificaram de acordo com importância em uma grade pré-estabelecida (figura 1). As afirmações selecionadas foram balanceadas, no sentido de permitir aos componentes da amostra de assentados reagirem positivo ou negativamente às afirmações. As fichas com as quais a pessoa está em maior acordo são colocadas no extremo positivo (+4). As que as pessoas estão em menor acordo são colocadas no extremo negativo (-4). No meio são colocadas as tarjetas “neutras”. As afirmações (escritas em tarjetas individuais) são colocadas pelo assentado entrevistado, em uma grade que se aproxima a uma distribuição quase normal. Sendo, anotado o número da ficha em cada célula. Todas as células são preenchidas sem repetições. Um tipo de experiência que reproduz como as pessoas pensam e propicia arranjos não visíveis anteriormente, possibilitando a satisfação de saber que estão compreendendo melhor algo que já sabiam ou algo que seja novo para elas.

Esta apresentação de afirmações foi desenvolvida em fevereiro de 2006.

4.3 A Amostra Dirigida

Todos 40 entrevistados foram selecionados entre os 65 assentados iniciais fundadores da COPAC, escolhidos conforme disponibilidade para participarem da presente pesquisa. Os entrevistados saíram de dois grupos considerados, 20 que continuam no modelo coletivo de exploração de terra e outros 20 que saíram e hoje trabalham em seu lote individual. Buscou-se uma proporcionalidade entre o número de entrevistados do sexo feminino e masculino dos dois grupos.

5. Resultados e discussões

5.1 Resultados e Discussões da metodologia Q

Os resultados encontrados, após análise estatística fatorial das respostas dos 40 entrevistados, estão separados em cinco fatores a seguir: A, B, C, D e E.

Procedido as análises estatísticas, para efeito de melhor discussão trocou-se às letras dos cinco fatores por tipologias que permitem uma melhor representação dos grupos alcançados e permitem a discussão destes, em forma qualitativa.

Os grupos alcançados que substituíram os fatores por tipologias, para uma melhor compreensão, estão representados no quadro 2.

Dos 40 entrevistados, 33 entrevistados apresentaram alta correlação com um dos fatores e 7 apresentaram correlação baixa com os fatores ou alta correlação com mais de um fator não caindo em nenhuma tipologia.

As afirmações selecionadas pelo fator considerado, nas células positivas da grade se referem aqueles itens que a critério dos entrevistados, que formaram o fator em questão, estão em maior acordo, correspondendo às classificações +4 e +3 da grade, ou seja, é desta forma que pensam os indivíduos pertencentes ao fator.

Os termos negativos, ao contrário, são aqueles itens que a critério do pesquisado que pertence ao fator em questão, estão em maior desacordo e correspondem as classificações -4 e -3 da grade.

QUADRO 2
Troca dos fatores por tipologias e denominação do grupo

FATORES	TIPOLOGIA	GRUPO
A	Representa os assentados favoráveis ao modo de trabalho individual no assentamento.	Grupo 1
B	Representa os assentados favoráveis ao modo de trabalho coletivo no assentamento.	Grupo 2
C	Representa os assentados favoráveis ao modo de trabalho coletivo, porém com ressalvas.	Grupo 3
D	Representa os assentados favoráveis ao modo de produção coletiva, porém insatisfeitos com a forma de gestão desta.	Grupo 4.1
E	Representa os assentados favoráveis ao modo de produção coletiva, porém insatisfeitos com a forma de gestão desta.	Grupo 4.2

5.2 Grupos, Afirmações e Discussões

5.2.1 Grupo 1: “Assentados favoráveis ao modo de trabalho individual no assentamento”.

O grupo 1, expressa afirmações tendentes ao modo de trabalho individual. Destes, 17 já saíram do coletivismo e foram trabalhar individualmente e 1 está no coletivo, mas expressa tendência pelo modelo individual. A correlação das pessoas com o fator ficou entre 0,43 e 0,86, nesta tipologia, e as afirmações/motivações que mais concordaram, com pontuação +4 e +3 e as afirmações que mais discordaram ou consideraram menos importante, na pontuação considerada de -4 e -3 são:

NEGATIVO -4 :	POSITIVO +4 :
7 "O coletivo é revolução cultural, ao transformar o meu pelo nosso incentiva novos valores e relações, se tornando mais solidárias, elevando grau de consciência".	13 "Alguns sócios não saem porque não levarão nada em função do estatuto assinado, ao saírem perdem direitos a estrutura das CPAs que ele ajudou a construir".
14 "Assentamentos mais bem sucedidos do ponto-de-vista econômico, inserção de produtos, renda familiar e qualidade das famílias são os coletivos".	30 "Se o individual possuir os mesmos meios de produção e equipamentos que no coletivo ele produz mais"
19 "O coletivo sabe reconhecer limitações, doenças e diferenças na produtividade do trabalho, procurando resguardar e oferecer condições mínimas para esse integrante".	41 "CPAs beneficiam poucos, impedem que outros façam parte ou contribuam, além do processo de produção, deve-se repensá-la com outra forma de administração e produção individual".
NEGATIVO -3 :	POSITIVO +3 :
18 "O coletivo tem melhor qualidade de vida, pode-se tirar férias durante período do ano, no individual têm que pedir a vizinho ou parente que olhe seu lote".	9 "O coletivo tem um painel, uma fachada muito boa, mas às vezes é só um painel e o resto por trás é um pessoal esquecido num canto".
23 "No coletivo procura-se criar condições para que pessoas participem e possam entender as reuniões e assembléias".	12 "Cooperativas receberam mais recursos e atenção do Estado para pessoas continuarem cooperativadas, atitude questionável por diferenciar direitos aos individuais".
31 "No coletivo é realizada administração de custos, produção, controles em geral, práticas não feitas nos individuais".	15 "No coletivo algumas tarefas não são bem feitas, pessoas dão mais importância às horas contadas do que o resultado da tarefa. No individual há mais interesse em terminar tarefas".
35 "No atual modelo econômico trabalhar individual é complicado. Já trabalhei e não resolvíamos problemas. Agora com mais dignidade temos organização a qual lutamos pelo melhor".	39 "É mais natural fazer a gestão na unidade básica familiar, a propriedade da família, ter seu espaço criar seus animais, ter sua horta".

5.2.1.1 Discussões do Grupo 1

Esta tipologia foi a que reuniu o maior número de pessoas, 18 no total expressando afirmações tendentes ao modo de trabalho individual. Destes, 17 já saíram do modo de produção coletiva e foram trabalhar individualmente e 1 ainda está no coletivo, mas expressa tendência pelo modelo individual. Este fator englobou 45% dos entrevistados

A afirmação 30 expressa a preferência pelo modo individual de produção, considerada mais eficiente e produtiva do que trabalhar coletivamente, mas ali reconhecendo que coletivamente pode-se conquistar mais equipamentos. As afirmações 13 e 41 expressam algumas questões que enfrentaram de sua experiência coletiva. No início ao optarem por se desenvolverem coletivamente, os recursos conquistados junto ao PRONAF foi reunido para todas despesas, compras de maquinários e estruturas que formam a COPAC, o regimento interno acordado pelos sócios estipulou que aqueles que saíssem não teriam direitos a benfeitorias, indenização e estrutura construída coletivamente, mas podendo se retirar com seu lote proporcional. Passadas as situações de desagregação e desligamento da cooperativa, este fato gerou uma certa “mágoa ou mesmo trauma” pela discordância desta situação. Alguns se retiraram, demarcando lotes correspondentes, levando uma quantidade de sementes e animais, mas discordam da situação, julgando que teriam mais direitos e melhor remuneração.

A seleção da 15 trata de uma das questões mais difíceis de se tratar nessas formas de organização, a divisão e remuneração das tarefas., Muitos consideram que a remuneração pelas horas é desigual não contemplando aqueles que mais se esforçam ou tem melhor produtividade, mas premiando aqueles que segundo estes “enrolam” no serviço, já que o valor das horas remuneradas é a mesma para todos, muitos também gostariam que a remuneração fosse maior para aqueles que trabalham em atividades que estão alcançando maior produção ou dividendos para a cooperativa. Na 12 consideram que os que estão nos coletivos tiveram se não mais recursos por parte do Estado, pelo menos mais atenção. E a 39 endossa a condição de produtores individuais ao reforçar uma maior

naturalidade pela propriedade individual, tratada como a “propriedade da família”.

Na 7, discordam que ao se trabalhar coletivamente o indivíduo passa por uma espécie de revolução interna, com novos valores como solidariedade ou consciência coletiva. Não se sentiram assim, ou não enxergaram que outros começaram agir ou pensar desta forma. Para estes, os assentamentos coletivos não são os mais bem sucedidos. Não discordaram que no coletivo propicia um período de férias, mas quanto à complementação da afirmação de que há uma melhor qualidade de vida no coletivo, estes que partiram para o individual, consideram agora sua qualidade de vida como melhor. Somente 1 assentado coletivo está neste fator, possivelmente alguém não satisfeito no modo coletivo.

Discordam que trabalhar individual é complicado para se resolver problemas e não consideraram a organização coletiva com uma importância para si. Consideram que no individual são feitos os controles e custos tanto quanto no coletivo e ao não concordarem com a 23, consideram que as reuniões e assembléias não são bem explicativas ou informativas.

5.2.2 Grupo 2: “Assentados favoráveis ao modo de trabalho coletivo no assentamento”.

O grupo 2 é formado por 6 indivíduos, todos estabelecidos coletivamente. A correlação com o fator B ficou entre 0,43 e 0,73. Representa os agricultores que mais defendem o modo de produção coletiva. Suas afirmações:

NEGATIVO -4:	POSITIVO +4:
13 "Alguns sócios não saem porque não levarão nada em função do estatuto assinado, ao saírem perdem direitos a estrutura das CPAs que ele ajudou a construir".	7 "O coletivo é revolução cultural, ao transformar o meu pelo nosso incentiva novos valores e relações, se tornando mais solidárias, elevando grau de consciência".
30 "Se o individual possuir os mesmos meios de produção e equipamentos que no coletivo ele produz mais".	14 "Assentamentos mais bem sucedidos do ponto-de-vista econômico, inserção de produtos, renda familiar e qualidade das famílias são os coletivos".
41 "CPAs beneficiam poucos, impedem que outros façam parte ou contribuam, além do processo de produção, deve-se repensá-la com outra forma de administração e produção individual".	19 "O coletivo sabe reconhecer limitações, doenças e diferenças na produtividade do trabalho, procurando resguardar e oferecer condições mínimas para esse integrante".
NEGATIVO -3:	POSITIVO +3:
9 "O coletivo tem um painel, uma fachada muito boa, mas às vezes é só um painel e o resto por trás é um pessoal esquecido num canto".	18 "O coletivo tem melhor qualidade de vida, pode-se tirar férias durante período do ano, no individual têm que pedir a vizinho ou parente que olhe seu lote".
12 "Cooperativas receberam mais recursos e atenção do Estado para pessoas continuarem cooperativadas, atitude questionável por diferenciar direitos aos individuais".	23 "No coletivo procura-se criar condições para que pessoas participem e possam entender as reuniões e assembléias".
15 "No coletivo algumas tarefas não são bem feitas, pessoas dão mais importância às horas contadas do que o resultado da tarefa. No individual há mais interesse em terminar tarefas".	31 "No coletivo é realizada administração de custos, produção, controles em geral, práticas não feitas nos individuais".
39 "É mais natural fazer a gestão na unidade básica familiar, a propriedade da família, ter seu espaço criar seus animais, ter sua horta".	35 "No atual modelo econômico trabalhar individual é complicado. Já trabalhei e não resolvíamos problemas. Agora com mais dignidade temos organização a qual lutamos pelo melhor".

5.2.2.1 Discussões do Grupo 2

Este fator englobou 15% dos entrevistados no total e 30% dos entrevistados que estão no coletivo

As afirmações selecionadas, deste grupo são exatamente inversas das respostas da tipologia 1. Para eles o coletivo é uma revolução cultural, as pessoas elevam a consciência e se tornam mais solidárias, consideram os coletivos com uma melhor qualidade de vida, permite melhor comercializar os produtos, reconhece as limitações das pessoas, oferecendo condições mínimas para estas.

O grupo 2 considera que são dadas condições de participação e entendimento nas assembléias, são realizados melhores controles de custos e endossam pela 35 a importância de se trabalhar coletivamente que facilita resolver os problemas e permite alcançar uma organização comum. Os entrevistados do grupo 1, quase a totalidade dos individuais discordaram de todas estas afirmações, que não eram dadas condições de bom entendimento nas assembléias, que as administrações de custos são feitas nos individuais tanto quanto são feitas no coletivo. Na 13 consideram que o estatuto assinado em comum está certo e que os sócios saem espontaneamente por suas preferências não sendo o mesmo empecilho, estes saíram por outros motivos, como discussões, discordâncias ou pela própria educação individual predominante nestes dissidentes.

Discordam que deve haver uma nova forma de administração na CPA, individual, não conseguindo esta, as mesmas conquistas que a forma coletivizada.

Consideram as conquistas alcançadas como uma construção compartilhada permitindo direitos e benefícios a todos integrantes.

Não consideram que receberam mais atenção por parte do Estado, sendo na maioria das vezes, este ausente em políticas para o cooperativismo.

Também, não consideram a propriedade familiar como mais importante ou natural, “o ter” pessoal como uma realização de conquista e realização.

E, por último, a remuneração em horas não consiste em problema., Cada um tem suas obrigações a cumprir, se as tarefas são terminadas em um setor, existem outros setores e atividades que as pessoas vão ajudar.

5.2.3 Grupo 3: “Assentados favoráveis ao modo de trabalho coletivo, porém com ressalvas”.

Este grupo, englobando 7 indivíduos, 6 estabelecidos coletivamente e 1 trabalhando individual, 17,5 % do total dos entrevistados e correlação das pessoas com o fator entre 0,42 e 0,7.

O Grupo 3, representado pelo fator C, é a tipologia dos assentados favoráveis ao modo de trabalho coletivo, porém com ressalvas.

NEGATIVO -4:	POSITIVO +4:
9 “O coletivo tem um painel, uma fachada muito boa, mas às vezes é só um painel e o resto por trás é um pessoal esquecido num canto”.	37 “Coletivos permitem soma de esforços e recursos, compra de maquinários que superam investimentos individuais, aumento de produção, lucro e diversificação”.
12 “Cooperativas receberam mais recursos e atenção do Estado para pessoas continuarem cooperativadas, atitude questionável por diferenciar direitos aos individuais”.	18 “O coletivo tem melhor qualidade de vida, pode-se tirar férias durante período do ano, no individual têm que pedir a vizinho ou parente que olhe seu lote”.
34 “Pessoas que influenciam decisões do coletivo é porque seu ponto-de-vista foi interpretado como mais adequado, processo normal democraticamente válido”.	17 “Decisões às vezes são processos de indução com influências e afinidades pessoais. Uma proposta pode derrotar a melhor por falta de informação, ou convencimento”.
NEGATIVO -3:	POSITIVO +3:
2 “Assentados se apóiam em dois fundamentos: solidariedade cristã, aproximação de igualdade perante Deus e visão econômica que produtividade pode crescer no coletivo”.	7 “O coletivo é revolução cultural, ao transformar o meu pelo nosso incentiva novos valores e relações, se tornando mais solidárias, elevando grau de consciência”.
24 “No coletivo, não há cuidado, nem serviço diferenciado com pessoas de idade, aposentadas, de dar mais valor para esses”.	25 “Há pessoas que trabalham mais do que outros pela mesma hora, por isso é difícil dizer que a repartição do trabalho é justa”.
27 “Todos livremente querem produzir individualmente, e usam estratégias coletivas ao perceber que individualmente não pode resolver problemas na unidade familiar”.	13 “Alguns sócios não saem porque não levarão nada em função do estatuto assinado, ao saírem perdem direitos a estrutura das CPAs que ele ajudou a construir”.
41 “CPAs beneficiam poucos, impedem que outros façam parte ou contribuam, além do processo de produção, deve-se repensá-la com outra forma de administração e produção individual”.	35 “No atual modelo econômico trabalhar individual é complicado. Já trabalhei e não resolvíamos problemas. Agora com mais dignidade temos organização a qual lutamos pelo melhor”.

5.2.3.1 Discussões do Grupo 3

Afirmações como 18 e 37 consideraram aspectos positivos de se trabalhar coletivamente, como qualidade de vida, férias e o esforço somado para investimentos. Na 17 ha uma crítica sobre carência de informações necessárias e que as decisões tomadas nem sempre são as melhores, mas que influências pessoais a induzem se consistindo em motivo de divergências ou desavenças dentro do grupo. Endossam a importância de se pensar coletivamente, como uma revolução íntima de cada um, com valores como a solidariedade e que trabalhando assim permite uma melhor facilidade para se resolver problemas. Estas afirmações 7 e 35, mais a 18 que são escolhidas por esta tipologia, também são salientadas em comum pela tipologia do grupo 2 que é a mais favorável ao modo de trabalho coletivo.

Ao selecionarem a 25 como uma das mais importantes, expressam um descontentamento pela remuneração em horas, não considerando a produtividade maior de uns sobre outros. Na tipologia do grupo 2 aqueles não consideraram como importante esta afirmação. O grupo 2 considera a forma de remuneração em horas, se não é perfeita pelo menos é uma das melhores formas de um parâmetro para se medir.

Na opção pela 13 expressam uma consideração que existe uma insatisfação dentro do grupo. Quem salientou esta afirmação não necessariamente pensa em se retirar, mas reconhece em outros que a cláusula no estatuto é um entrave para que alguns possam dar vazão a situações de fato com outra opção de produção.

A 34 tem uma relação com a afirmação 17, que este mesmo grupo considerou como uma das mais importantes. Naquela houve a crítica sobre indução nas decisões de assembleias, ao não concordarem com a 34 endossam como incômodo um processo de influência nas decisões.

As afirmações 9, 12 e 41 foram consideradas discordantes, posicionamento semelhante da tipologia do grupo 2. Discordaram que o coletivo é uma fachada, com pessoas esquecidas, que o Estado diferenciou atenção e recursos entre individuais e coletivos, privilegiando estes últimos.

A discordância da afirmação 41 expressa a preferência deste, pela produção coletiva, já que rejeitam a CPA ou com outra forma de administração ou gerida com produção individualizada.

Ao selecionarem a 2 não consideraram uma visão religiosa, juntamente com uma econômica como essencial para o estabelecimento do seu modo de produção. Na 24 discordaram por considerarem que no coletivo há uma valorização e cuidados com pessoas mais velhas.

5.2.4 Grupo 4.1: “Assentados favoráveis ao modo de produção coletiva, porém insatisfeitos com a forma de gestão desta”.

Neste grupo foi colocada esta numeração 4.1 por ser um grupo semelhante ao grupo 4.2 quanto à tipologia, ou seja, apresentar afirmações favoráveis ao modo de produção coletiva, mas também apresentando críticas e insatisfação quanto a sua gestão. Apesar da tipologia semelhante entre estes dois grupos, as afirmações selecionadas são diferentes, sendo analisadas separadamente.

Esta tipologia ficou com 1 assentado, que está no modo de produção coletiva, apresentando uma correlação com o fator D em 0,41, representando 2,5 % do total dos entrevistados e 5 % dos entrevistados que estão no coletivo.

NEGATIVO -4:	POSITIVO +4:
36 "Há centralização de decisões em grupo reduzido porque maioria não quer fazer determinadas tarefas ou aprender mais sobre administração".	8 "Pessoas se agrupam em função do econômico, julgavam que ganhariam mais dinheiro com grupos coletivos".
40 "Apresentam relatórios, notas para dizer que está certo, você não sabe se é verdade, não há tempo para discutir, tem que aprovar".	19 "O coletivo sabe reconhecer limitações, doenças e diferenças na produtividade do trabalho, procurando resguardar e oferecer condições mínimas para esse integrante".
41 "CPAs beneficiam poucos, impedem que outros façam parte ou contribuam, além do processo de produção, deve-se repensá-la com outra forma de administração e produção individual".	25 "Há pessoas que trabalham mais do que outros pela mesma hora, por isso é difícil dizer que a repartição do trabalho é justa".
NEGATIVO -3:	POSITIVO +3:
7 "O coletivo é revolução cultural, ao transformar o meu pelo nosso incentiva novos valores e relações, se tornando mais solidárias, elevando grau de consciência".	18 "O coletivo tem melhor qualidade de vida, pode-se tirar férias durante período do ano, no individual têm que pedir a vizinho ou parente que olhe seu lote".
28 "Existe propaganda que os coletivos não deram certo e influenciam as pessoas a trabalharem individualmente".	9 "O coletivo tem um painel, uma fachada muito boa, mas às vezes é só um painel e o resto por trás é um pessoal esquecido num canto".
32 "No individual se tem revés na produção, não atribui a forma coletiva nem critica outro, ela se auto-avalia e conclui que o responsável pode ter sido ele mesmo".	11 "Famílias vão para o coletivo para melhorar qualidade de vida, equacionar problemas e enfrentar dificuldades do trabalho no meio rural".
34 "Pessoas que influenciam decisões do coletivo é porque seu ponto-de-vista foi interpretado como mais adequado, processo normal democraticamente válido".	37 "Coletivos permitem soma de esforços e recursos, compra de maquinários que superam investimentos individuais, aumento de produção, lucro e diversificação".

5.2.4.1 Discussões do Grupo 4.1

Na 8 considerou que o estímulo econômico é um forte apelo para que os indivíduos se coletivizem. Se na afirmação 19 selecionada foi considerada como uma qualidade para o coletivo ao reconhecer que este distingue limitações, diferenças, sabe oferecer condições mínimas para os integrantes, na 25 fazendo coro a tipologia do grupo 3, critica a forma de remuneração ou considera o fato de haver indivíduos que se esforçam mais do que outros não havendo uma melhor contemplação ou diferenciação para estes.

A afirmação número 9 selecionada como das mais importantes, expressa uma insatisfação com sua gestão, considerando que a forma coletiva às vezes tem esquecido de alguns. Ao selecionar esta afirmação juntamente com a de número 19 acima mencionada, este assentado entrou em aparente contradição, acima defende que o coletivo distingue diferenças, oferece condições mínimas para os integrantes, provavelmente este tem se sentido “não prestigiado” pelos que estão se ocupando de hierarquias acima ou nas assembléias.

Na 11 justificou a ida ao coletivo na busca de melhor qualidade de vida, resolver problemas e dificuldades. Reconhece uma melhor qualidade de vida e a soma de esforços e recursos que o coletivo permite.

O Grupo 4.1 ao discordar da 36 considerou que há uma centralização, mas não concordou com o motivo afirmado sobre o porque há uma centralização de decisões. Para ele um grupo centraliza as decisões e outros querem fazer as tarefas ou aprender, mas o que não é dado é uma devida oportunidade. Já na 40 discordou que há uma superficialidade ao se aprovar relatórios ou mesmo projetos, considerou que existe uma discussão interna.

A desaprovação pela afirmação 41 salienta a opção pelo modo de produção coletiva considerando que está deve continuar assim.

Nesta tipologia houve uma discordância quanto a considerar o coletivo como uma revolução cultural interna transformadora para novos valores.

Ao não concordar com afirmação 34 há uma crítica sobre situações de influência nas decisões.

5.2.5 Grupo 4.2: “Assentados favoráveis ao modo de produção coletivo, porém insatisfeitos com a forma de gestão desta”.

NEGATIVO -4:	POSITIVO +4:
9 “O coletivo tem um painel, uma fachada muito boa, mas às vezes é só um painel e o resto por trás é um pessoal esquecido num canto”.	8 “Pessoas se agrupam em função do econômico, julgavam que ganhariam mais dinheiro com grupos coletivos”.
34 “Pessoas que influenciam decisões do coletivo é porque seu ponto-de-vista foi interpretado como mais adequado, processo normal democraticamente válido”.	24 “No coletivo, não há cuidado, nem serviço diferenciado com pessoas de idade, aposentadas, de dar mais valor para esses”.
41 “CPAs beneficiam poucos, impedem que outros façam parte ou contribuam, além do processo de produção, deve-se repensá-la com outra forma de administração e produção individual”.	13 “Alguns sócios não saem porque não levarão nada em função do estatuto assinado, ao saírem perdem direitos a estrutura das CPAs que ele ajudou a construir”.
NEGATIVO -3:	POSITIVO +3:
11 “Famílias vão para o coletivo para melhorar qualidade de vida, equacionar problemas e enfrentar dificuldades do trabalho no meio rural”.	1 “Coletivo é mais orientação do MST do que consciência de produtores que esta é estratégia para problemas, e aderem por bandeira política importante de participar”.
28 “Existe propaganda que os coletivos não deram certo e influenciam as pessoas a trabalharem individualmente”.	14 “Assentamentos mais bem sucedidos do ponto-de-vista econômico, inserção de produtos, renda familiar e qualidade das famílias são os coletivos”.
29 “No individual a família aprende e atua mais, tendo que administrar diretamente, no coletivo os que não participam da administração, se perdem em avaliações e negócios”.	16 “No coletivo, construção democrática e regimento sólido exigem mais desafios. Desavenças e falta de regimento são fatores para saída de pessoas”.
32 “No individual se tem revés na produção, não atribui a forma coletiva nem critica outro, ela se auto-avalia e conclui que o responsável pode ter sido ele mesmo”.	25 “Há pessoas que trabalham mais do que outros pela mesma hora, por isso é difícil dizer que a repartição do trabalho é justa”.

Este grupo apresentou uma correlação do indivíduo com o grupo em 0,47 e está formado por 1 assentado do modo de produção coletivo, representando 2,5 % do total dos entrevistados e 5 % dos entrevistados que estão no coletivo.

5.2.5.1 Discussões do Grupo 4.2

Na 8 considerou uma função econômica como estímulo para uma coletivização, afirmação também selecionada pelo grupo 4.1. A afirmação 13 também foi selecionada pelo grupo 1 e 3. Provavelmente este enxerga o estatuto um empecilho para uma divisão ou debandada do grupo coletivo. Ao concordar com a 24 expressou que há uma falta de cuidado e atenção para pessoas mais velhas. Para este entrevistado o coletivo é uma orientação que o MST buscou influenciar.

A afirmação 25 também foi endossada pelos grupos 3 e 4.1. O problema da remuneração expresso em um descontentamento pela forma partilhada da remuneração em horas não considerando uma produtividade maior de uns sobre outros.

A afirmação 34 é desconsiderada, não concorda que a influência de decisões é um processo normal dentro de um processo democrático, opinião compartilhada pelos grupos 3 e 4.1.

A 41 foi a afirmação mais selecionada pelos grupos. Todos os outros grupos 2, 3, 4.1, e 4.2 que englobam em sua maioria os assentados que estão no coletivo discordaram desta.

6. Considerações Finais

A técnica permitiu emergir dentre as várias opções de afirmações àquelas que mais se encaixavam no seu modo de sentir e repelindo as que discordaram, podendo reunir em grupos afins e fazer uma divisão no campo da subjetividade.

Os resultados da análise fatorial mostram que 5 fatores emergiram: Um totalmente favorável ao modo de produção individual e

quatro favoráveis ao modo de trabalho coletivo, mas com diferenças entre estes. Neste sentido, um fator totalmente favorável ao modo de produção coletiva e os outros três fatores coletivos, porém com críticas ao modelo.

Observou-se que os grupos 1 e 2 possuem forte antagonismo na forma de pensar, se o 1 hoje é a forma de se pensar individual o grupo 2 é a própria COPAC do jeito como está estruturada atualmente. Estes grupos selecionaram as mesmas afirmações, porém consideraram-na de forma diferenciada, são completamente inversas sobre as que consideram ou desconsideram como importantes.

O contato e as entrevistas realizadas com os assentados hoje individuais evidenciou que para muitos destes, a experiência passada no coletivo foi um engano, se pudessem voltar no tempo, ao receberem seus lotes exigiriam glebas e créditos públicos a serem desenvolvidos individualmente. Para eles sua situação financeira atual estaria bem melhor possuindo mais equipamentos e mais capitalizados. Constatou-se que há uma preocupação grande dos mesmos com o futuro, com a família, os filhos, isto influenciando também na decisão de serem individuais, buscando a propriedade da família, ter o seu espaço. Em outros, se percebeu uma pequena simpatia pelo modo coletivo de se trabalhar, porém uma desconfiança, enquanto eram um grupo em relação a outros indivíduos que ainda estão no coletivo, principalmente em questões monetárias. Também se constituiu em grande mágoa julgarem que deveriam agregar mais recursos da COPAC durante sua saída do grupo.

As afirmações deste grupo 1 também evidenciaram que no processo de sua retirada, sua preferência era que a COPAC que ajudaram a estruturar poderia permitir a produção individual. Estes também como construtores desta gostariam que houvesse uma mudança desta na administração e com produção individual.

Em oposição os outros 4 grupos formados na metodologia Q são favoráveis ao modelo coletivo de produção vigente. O grupo 2 contando somente com indivíduos que estão no coletivo, pelas afirmações colhidas, é o mais entusiasta de se trabalhar coletivamente e não demonstrando insatisfação pela forma que o coletivo está organizado ou gerido. Estes estão felizes e satisfeitos pelo que consideram que conseguiram conquistar e possuindo uma identidade coletiva comum.

Os outros 3 grupos que Q fez emergir(3, 4.1 e 4.2) são favoráveis ao coletivo, todos eles consideram que a COPAC deve permanecer com a mesma forma de administração e produção coletiva, e que esta apresenta vantagens e qualidades, porém em seu pensamento também emergem ressalvas e críticas.

Foi constatado tanto no contato pessoal em conversas, como nas afirmações selecionadas por Q, que na COPAC existem insatisfações internas entre associados.

A pesquisa evidenciou colocações que poderiam ser mais bem discutidas entre os mesmos. Os pontos que mais se destacaram neste sentido foram: sobre uma falta de solidariedade maior ou consciência que há entre seus membros, reclamando estes que há um certo esquecimento, ou um “desprestígio” de alguns membros da direção para outros sócios e que por vezes assim se sentem; Sobre uma centralização na administração ou em decisões, que para estes muitas vezes não significa que outros não possuam interesse por estas questões, mas se sentem que não é dada uma devida oportunidade com mais respeito, e assim outros gostariam de aprender mais; Uma crítica sobre o estatuto vigente sobre alguns itens que poderiam ser modificados ou levados mais em consideração; Sobre o processo de decisões onde alguns consideraram que muitas vezes ocorrem processos de induções, uma influência de uns sobre outros, que desagrada alguns que não enxergam isto como uma situação democrática. A construção democrática no coletivo foi considerada como “mais desafiadora”; E, por fim, a crítica sobre a forma de remuneração em horas trabalhadas, sobre uma ausência de um incentivo a produtividade individual.

O Assentamento 30 de Maio, em Charqueadas apresentou um ganho de qualidade e muitas conquistas para os assentados dos dois modelos vigentes. Os assentados individuais que recomeçaram praticamente do zero evidenciaram uma evolução. Este grupo se reestruturou com seus integrantes evidenciando no geral uma qualidade vida equivalente aos que estão no coletivo, seja em suas moradias, nas atividades produtivas que estão desenvolvendo, como no fato dos filhos poderem estar estudando. Consideram que se não tem o patrimônio dos que estão na COPAC, pelo menos suas vidas estão melhores por estarem satisfeitos trabalhando em seus lotes da maneira que consideram melhor.

Os que estão no coletivo, pelo fato de juntarem suas forças, angariaram ao longo dos anos um considerável patrimônio que individualmente não conseguiriam amearhar, podendo diversificar a produção e fazer um ciclo completo, desde a produção no campo até a comercialização de seus produtos com o estabelecimento de um supermercado de porte médio.

É possível que o modelo da COPAC nos tenha demonstrado que o modelo adotado e fortalecido através do esforço coletivo, mesmo com todos problemas e defecções de indivíduos existentes, deva ser mais estudado e explorado não como um modelo único a ser seguido e mais difundido, mas que talvez possa ser mais bem aperfeiçoado e possa contribuir de alguma forma para uma reforma agrária eficaz no seio de nossa sociedade.

7. Referências Bibliográficas

BLOOM, B. S., MESIA B. B., y KRATHWOHL, D. R. **Taxonomy of Educational Objectives** (two vols: The Affective Domain & The Cognitive Domain). New York, 1964

CONFEDERAÇÃO DAS COOPERATIVAS DE REFORMA AGRÁRIA DO BRASIL -CONCRAB. **Sistema Cooperativista dos Assentados**. Caderno de Cooperação Agrícola N. S. São Paulo, jun. 1998.

HEGEDÜS, P., GRAVINA, V., KRAMER, B., VELA, H. **Evaluating a dairy herd improvement project in Uruguay to test and explain q methodology**. Journal of International Agricultural and Extension Education. Vol. 10, p. 41-49. 2003.

LENZ, M. M. **Conflito de identidade dos assentados de reforma agrária do MST?** Ed. São Leopoldo: Unisinos, 2002. p.5-35 (Revista Perspectiva econômica, vol.37, Série Cooperativismo 51)

OAKLEY, P.; CLAYTON, A. **The monitoring and evaluation of empowerment**. A resource document. Oxford, UK: INTRAC, 2000, 69 p.

SANTALUCIA, Mauricio. **Cooperativismo e assentamento rural na percepção do uso coletivo e individual da terra mediante metodologia q: o caso de Charqueadas**. 2006. 86f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

SCARIOT, Adriano. **Identidade, coesão e desagregação social na trajetória da cooperativa de produção agropecuária cascata – cooptar**. 2003. 130 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, 2003.

SILVEIRA, C. B. da. **Organizações e a “lei de ferro das oligarquias”: um estudo sobre os assentamentos rurais de reforma agrária**. 2003. 190f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.ufrgs/pgdr>>. Acesso em: 20 fev. 2006.

SPAROVEK, Gerd. **A qualidade dos assentamentos da reforma agrária brasileira**. São Paulo: Editora e Gráfica, 2003.